

<https://doi.org/10.51234/aben.22.e11.c10>

VIOLÊNCIA E VULNERABILIDADE NA PERSPECTIVA DA SEXUALIDADE DE PESSOAS LGBTQIA+ NA PANDEMIA DA COVID-19

Evilene de Almeida do Carmo^I

ORCID: 0000-0002-7030-411X

Josilda dos Santos Lima Gomes^{II}

ORCID: 0000-0002-3333-5734

Mariuxa Portugal Moreira Conceição^{III}

ORCID: 0000-0002-4104-5569

Tamille Marins Santos Cerqueira^{IV}

ORCID: 0000-0003-3655-7794

Aisiane Cedraz Morais^V

ORCID: 0000-0001-9547-6914

INTRODUÇÃO

O mundo enfrenta a pandemia gerada pelo coronavírus, que já atingiu milhões de pessoas desde o ano de 2020⁽¹⁾. Pode-se dizer que nem todos os grupos sociais da população mundial estão igualmente expostos. Nesse sentido, as minorias sexuais e de gênero, como bissexuais, lésbicas, gays, transgêneros, queer ou intersexuais (LGBTQIA+), apresentam uma combinação de vulnerabilidade e infecção pelo coronavírus que contribui diretamente para o aumento de complicações e mortes nessa população⁽²⁾.

Na situação atual da pandemia do COVID-19, em que se descortina uma crise sanitária, econômica, política e social, tornam-se ainda mais evidentes as violações de direitos, violências e mortes entre a população LGBTQIA+, cuja maioria sofre com frequência diversas formas de preconceito, discriminação, estigmatização, intolerância, segregação, isolamento e abandono, além da probabilidade de exacerbar as crises social, econômica e trabalhista⁽³⁾.

Desde o início da pandemia, no começo de 2020, algumas disparidades de ordem econômica, racial, geográfica e de saúde foram associadas ao risco geral de contrair COVID-19. Embora essas desigualdades sejam relevantes, também é essencial reconhecer e compreender como a COVID-19 impactou de forma desproporcional a comunidade de lésbicas, gays, bissexuais, transgêneros e queer⁽⁴⁾.

Ressalta-se que a discriminação estrutural, a exemplo de acesso a emprego, moradia e cuidados de saúde, e aquela de caráter interpessoal, como ataques transfóbicos violentos vivenciados pelos indivíduos de minorias sexuais e de gênero, compõem uma problemática que precede o contexto pandêmico. No entanto, as condições do contexto da pandemia aumentaram essas desigualdades, expondo, acentuando e produzindo disparidades de saúde⁽²⁾.

Os danos psicológicos indiretos da pandemia de COVID-19 são complexos e exacerbados aos pertencentes das

^IAssociação Saúde em Movimento Feira de Santana.
Feira de Santana Bahia, Brasil.

^{II}Hospital Universitário Professor Edgar Santos.
Salvador, Bahia, Brasil.

^{III}Secretaria Municipal de Saúde.
Camaçari, Bahia, Brasil.

^{IV}Instituição Federal de Educação Ciências Tecnologia.
Bahiano. Serrinha, Bahia, Brasil.

^VUniversidade Estadual de Feira de Santana.
Feira de Santana, Bahia, Brasil.

Autora Correspondente:

Evilene de Almeida do Carmo
evilenealmeida@gmail.com



Como citar:

Carmo EA, Gomes JSL, Conceição MPM, Cerqueira TMS, Morais AC. Desafios na atenção à saúde de grupos em situação de vulnerabilidade. In: Rocha ESC, Toledo NN, Pina RMP, Pereira RSF, Souza ES. (Orgs.). Enfermagem no cuidado à saúde de populações em situação de vulnerabilidade. Brasília, DF: Editora ABEn; 2022. p. 90-7 <https://doi.org/10.51234/aben.22.e11.c10>

Revisora: Dra. Sínara de Lima Souza
Universidade Estadual de Feira de Santana.
Feira de Santana, Bahia, Brasil.



comunidades marginalizadas, além da exposição a fatores estressantes específicos de suas identidades sociais historicamente excluídas⁽⁵⁾. Dessa forma, esta publicação justifica-se pela importância de se compreender a dinâmica dos processos envolvidos nas situações de violência e vulnerabilidade das populações minoritárias, além de identificar novos caminhos para entender a normalidade biológica, a fim de vislumbrar o reconhecimento dos militantes dos movimentos sociais e de integrantes dos próprios grupos, com vistas a aprofundar a incorporação dos conceitos de vulnerabilidade. Espera-se que esta produção fomente discussões para a criação de estratégias que subsidiem políticas públicas voltadas para a especificidade dessa população⁽⁵⁾.

Trata-se de um estudo de revisão integrativa, seguindo as seguintes etapas: busca nas bases de dados, organização e seleção do *corpus*, análise crítica dos dados e discussão dos resultados. Para o levantamento dos artigos na literatura, realizou-se uma busca no período de dezembro de 2020 a fevereiro de 2021 na Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), utilizando-se os seguintes descritores e suas combinações: “pessoas LGBTQIA+”, COVID-19, vulnerabilidade e violência. Tais descritores foram extraídos dos Descritores em Saúde (DeCS), na língua portuguesa. Para a estratégia de busca, utilizou-se o operador booleano “and”. Com a inclusão concomitante de todos os descritores, não foi localizada nenhuma publicação, sendo encontrados seis artigos com a combinação violência, “pessoas LGBTQIA+” e COVID-19, além de 43 artigos com a combinação “pessoas LGBTQIA+” e COVID-19. Vale ressaltar que os seis artigos encontrados com a primeira combinação estão incluídos nos artigos encontrados com a segunda.

Os critérios de inclusão definidos para a seleção dos artigos foram os seguintes: artigos publicados em português, inglês e espanhol; e artigos disponibilizados como textos completos que retratassem a temática referente à violência e à vulnerabilidade na perspectiva da sexualidade LGBTQIA+ (no contexto da pandemia da COVID-19) no título ou no resumo da publicação. Comentários, correspondências e artigos que não apresentaram relevância com a proposta do estudo foram excluídos e publicações duplicadas foram consideradas apenas uma vez. Inicialmente, realizaram-se as primeiras etapas da busca de forma independente. Depois, as pesquisadoras leram cuidadosamente o título e o resumo dos artigos. Posteriormente, leram os artigos e avaliaram sua relevância para a proposta do estudo. Os artigos selecionados tiveram seus dados registrados em uma tabela desenvolvida pelas pesquisadoras, conforme recomendado na literatura.

Foram selecionados apenas seis artigos que continham em seu escopo o contexto de violência e vulnerabilidade diante da sexualidade de pessoas LGBTQIA+ na pandemia de COVID-19 para integrar o *corpus* desta revisão. Iniciou-se a seleção dos estudos por meio da leitura dos títulos e dos resumos, observando-se os critérios de inclusão. Em seguida, os artigos selecionados foram lidos na íntegra. Ressalta-se que, dentre os artigos selecionados, apenas um é publicação nacional, o que demonstra a escassez de estudos com essa temática no Brasil, evidenciando, ao mesmo tempo, a importância de abordá-la para dar visibilidade a um grupo vulnerável.

Um quadro contendo os termos *Título*, *Tipo de estudo* e *Considerações* foi estruturado para apresentar os resultados e embasar os elementos para a discussão.

Quadro 1: Síntese dos Artigos selecionados

Título	Tipo de estudo	Considerações
Mitos, conceitos errôneos, outras respostas e respostas estigmatizantes para COVID-19 na África do Sul: uma avaliação qualitativa rápida	Desenho qualitativo descritivo exploratório.	As diretrizes terminológicas devem ser desenvolvidas com cientistas, representantes da sociedade civil e representantes de grupos específicos de pessoas ou etnias, a fim de diminuir a possibilidade de estigmatizar grupos específicos de pessoas e garantir que seja acessível aos formuladores de políticas e comunidades mais amplas de atores políticos locais e nacionais, no governo e na sociedade civil.

Continua



Continuação do Quadro 1

Título	Tipo de estudo	Considerações
Prática de chemsex entre homens que fazem sexo com homens (HSH) durante período de isolamento social por COVID-19: pesquisa online multicêntrica	Trata-se de resultado do projeto intitulado 40tena, derivado da coorte In_PrEPBrazil/Portugal.	A ocorrência de chemsex foi elevada, sobretudo no Brasil, onde o isolamento social proposto não sensibilizou os HSH à adesão, diante da opção pelo sexo casual. Parece evidente que a busca pelo prazer se mostrou mais relevante diante das medidas de proteção ao COVID-19 propostas, o que coloca os HSH mais expostos.
COVID-19 e as mudanças no comportamento sexual de homens que fazem sexo com homens: resultados de uma pesquisa online.	Os dados foram coletados por meio de questionários anônimos baseados na web em um aplicativo geoespacial popular usado por homens que fazem sexo com homens (HSH), entre março e abril de 2020, durante o período de distanciamento social.	Os sentimentos negativos de angústia devido ao distanciamento social devem ser considerados como uma barreira potencial à adesão de populações vulneráveis, como HSH. A resposta futura da saúde pública deve encontrar um equilíbrio entre as medidas de contenção e seus possíveis fardos mentais, sociais e financeiros.
Construções cognitivas, afetivas e comportamentais das crenças de saúde do COVID-19: uma comparação entre minorias sexuais e indivíduos heterossexuais em Taiwan	No total, 533 participantes de minorias sexuais e 1421 heterossexuais foram recrutados por meio de um anúncio no Facebook. Os construtos relativos a cognição, gravidade, conhecimento, afeto e comportamento em relação às crenças de saúde sobre COVID-19 foram comparados entre participantes de minorias sexuais e heterossexuais.	O estudo demonstrou que minorias sexuais tinham menor susceptibilidade percebida ao COVID-19, maior autoconfiança em lidar com COVID-19 e menor preocupação com COVID-19, sendo menos propensos a manter uma boa ventilação interna e desinfetar sua casa do que os heterossexuais. Além de levar em consideração o papel da orientação sexual ao desenvolver programas de prevenção para COVID-19, estudos adicionais são necessários para examinar as hipóteses subjacentes sobre as diferenças.
“Estou meio que preso em casa com pais que não me apoiam agora”: experiências de jovens LGBTQ com COVID-19 e a importância do suporte online	Dados de transcrição de 31 bate-papos síncronos baseados em texto coletados durante o início das ordenanças estaduais de “distanciamento social” na primavera de 2020 foram analisados.	A preocupação com a saúde mental foi destacada devido às restrições da pandemia. Alguns comentários provavelmente refletem as experiências do COVID-19 em geral (por exemplo, tédio), ao passo que sentir-se louco e isolado pode exacerbar os problemas de saúde mental de uma população vulnerável. As descobertas destacam a importância de plataformas online síncronas baseadas em texto para permitir que os jovens LGBTQ se sintam seguros para buscar apoio em casa. Dado o potencial de distanciamento físico de longo prazo, esforços combinados são necessários para fornecer os recursos e o apoio necessários para os jovens LGBTQ durante a pandemia COVID-19.
A pandemia oculta da violência familiar durante o COVID-19: aprendizagem não supervisionada dos tweets	O artigo inclui amostragem, coleta de dados, pré-processamento de dados brutos e análise de dados. Os dados foram coletados do Twitter, com uma seleção aleatória de mais de 1 milhão de tweets mencionando violência familiar e COVID-19, de 12 de abril a 16 de julho de 2020.	Esse estudo contribuiu para a compreensão da violência familiar durante a pandemia, fornecendo vigilância por meio de tweets. Isso é essencial para identificar programas de políticas potencialmente úteis que podem oferecer apoio direcionado às vítimas e aos sobreviventes enquanto nos preparamos para futuros surtos. Ressalta-se que a comunidade LGBT está apontada nesse estudo como uma das maiores vítimas de violência familiar.

Fonte: Elaborado pelas autoras.

As publicações selecionadas para compor esta revisão integrativa reiteram a condição histórica de vulnerabilidade vivenciada pela comunidade LGBTQIA+ e o agravamento dessa condição pelo contexto pandêmico, como veremos a seguir nos eixos temáticos elaborados a partir da leitura dos estudos.

DEFICIÊNCIA DAS POLÍTICAS PÚBLICAS EM SAÚDE E DOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO

Muitos países optam por ignorar a situação de exposição e saúde das populações de minorias sexuais e de gênero (SGM). Tal atitude leva à falta de dados reais sobre número de casos de infecção nos LGBTQIA+,



ocorrência, agravos e óbitos. Um fator que poderia sanar essa lacuna em relação aos dados é a inclusão das informações referentes à orientação sexual ou à identidade de gênero, cuja divulgação mais expressiva poderia aumentar o financiamento de programas voltados para esse público⁽²⁾.

Há uma necessidade de se reconhecer as implicações da COVID-19 nas comunidades LGBTQIA+, destacando-se o desafio de analisar a incidência da doença, uma vez que não existe um sistema uniforme de coleta de dados demográficos gerais. Além disso, na maioria das vezes, as perguntas sobre orientação sexual e identidade de gênero não são incluídas nos formulários⁽⁴⁾.

No caso da pandemia da COVID-19, como os dados necessários sobre orientação sexual ou identidade de gênero não são coletados regularmente nos formulários, não existe uma informação fidedigna sobre como o vírus afetará de forma desproporcional as comunidades LGBTQIA+. Essa é apenas uma pequena parte das desigualdades estruturais gerais em torno da coleta de dados LGBTQIA+. Assim, reforçamos a necessidade de inclusão dos itens de orientação sexual em todos os formulários de entrada relacionados à saúde e em pesquisas nacionais, a fim de minimizar as injustiças enfrentadas por um dos grupos mais marginalizados entre nós⁽⁴⁾.

Torna-se relevante, também, o desenvolvimento de estratégias de redução de danos e o incentivo à prevenção concomitante para infecções sexualmente transmissíveis e para a COVID-19, além da divulgação de informações sobre a prática de sexo seguro e o uso menos nocivo das drogas. Essas ações podem ser efetivas nesse momento, de forma a esclarecer e reforçar a importância do cuidado à saúde⁽⁶⁾.

Os jovens não se consideram em risco de contrair SARS-CoV-2. Diante disso, reiteramos que os materiais de comunicação desenvolvidos especificamente para jovens devem incorporar o uso de mídias e plataformas de redes sociais, permitindo o envolvimento e a mobilização de influenciadores locais no setor comunitário, para lidar com os equívocos e as respostas estigmatizantes à COVID-19⁽⁷⁾.

Assim, as diretrizes terminológicas referentes à COVID-19 devem ser desenvolvidas por cientistas e representantes da sociedade civil e de grupos específicos de pessoas ou etnias, a fim de minimizar a possibilidade de estigmatizar grupos específicos. Dessa forma, garantir-se-á que sejam acessíveis aos formuladores de políticas e comunidades mais amplas de atores políticos locais e nacionais, no governo e na sociedade civil⁽⁷⁾.

A pandemia provocou um abrupto rompimento na interação social das pessoas, interferindo nos fluxos cotidianos, nas práticas e nos encontros afetivos e sexuais. Como se sabe, tanto no Brasil quanto em Portugal, nenhuma medida educativa e/ou instrutiva governamental foi tomada para definir estratégias alternativas de enfrentamento às repercussões à saúde sexual e reprodutiva impostas pelo contexto de isolamento social⁽⁶⁾.

Os indivíduos que compõem as minorias sexuais e de gênero compreendem um grupo diversificado de comunidades em busca constante por equidade, cujas necessidades são frequentemente esquecidas no âmbito da pesquisa, política e infraestrutura. Destacamos os desafios e as vulnerabilidades particulares dessas pessoas, os quais podem contribuir para o aumento dos riscos de infecção, complicações e morte por COVID-19⁽²⁾. Tais achados apontam para a necessidade de implementação de ações educativas eficazes e de políticas públicas direcionadas às minorias sexuais e de gênero, com a participação de representações dessas categorias marginalizadas, além da criação de estratégias de comunicação eficazes direcionadas à atenção à saúde sexual, a fim de reduzir desconhecimentos e estereótipos em saúde com relação à transmissão da COVID-19 e sensibilizar tais grupos no que se refere ao cuidado, com ênfase na prevenção.

OS IMPACTOS NA SAÚDE MENTAL DAS PESSOAS LGBTQIA+ NO CONTEXTO DE ISOLAMENTO SOCIAL

Além dos impactos diretos da própria COVID-19, as medidas de saúde pública preconizadas para proteger as populações vulneráveis também poderão ter consequências não intencionais e indiretas para a saúde das pessoas LGBTQIA+. No contexto de desigualdade social e estigmatização, sabemos que esses indivíduos já enfrentam crescentes disparidades de saúde⁽²⁾.

Claramente, o isolamento social é um grande desafio enfrentado pelas populações LGBTQIA+⁽⁵⁾, o qual, mesmo entendido como essencial para evitar a contaminação, contribui de forma significativa para o estresse⁽⁸⁾.



Com a redução na incidência de casos e mortes por COVID-19, torna-se imperioso agir na resposta ao impacto psicológico do trauma pandêmico, considerando que, apesar da vulnerabilidade a vários riscos sociais, de saúde e psicológicos, a população LGBTQIA+ recebeu atenção mínima durante esta pandemia.

Os riscos de danos a jovens LGBTQIA+ vulneráveis vão além da segurança física. Tais jovens correm um risco desproporcionalmente alto de depressão, ideação suicida, suicídio e comportamentos de automutilação, com taxas de tentativas de suicídio de duas a dez vezes maiores quando comparadas aos seus pares⁽⁹⁾. Esses dados mostram que as circunstâncias pandêmicas estão associadas ao comprometimento da saúde mental (a exemplo de depressão ou suicídio), com grande probabilidade de envolvimento em comportamentos de risco à saúde (uso de substâncias, automutilação)⁽⁸⁾.

As experiências durante a pandemia mostram que o isolamento pode exacerbar os problemas de saúde mental de uma população vulnerável. Os jovens relataram estresse, frustração, ansiedade, depressão, perda de rotina e dificuldades contínuas com o sono e os trabalhos escolares⁽⁸⁾. Os jovens LGBTQIA+ rejeitados pela família têm seis vezes mais probabilidade de sofrer depressão e oito vezes mais probabilidade de tentar o suicídio do que os que relatam baixos níveis de rejeição familiar⁽¹⁰⁾.

A COVID-19 provavelmente aumentou os riscos já elevados para a população LGBTQIA+ por causa de uma combinação complexa de interações familiares potencialmente negativas, incerteza econômica, estresse e ansiedade de sobreviver a uma pandemia com acesso mais limitado aos recursos de informação e saúde⁽⁹⁾.

O distanciamento social, devido à pandemia da COVID-19, alterou o comportamento sexual entre homens que fazem sexo com homens. A pesquisa aponta que fazer sexo casual, em desafio aos regulamentos que preconizam o distanciamento social, foi associado a sofrimento mental. Os participantes deste estudo que fizeram sexo casual durante a pandemia referiram reduzir o risco de contágio, limitando seu repertório sexual em relação aos seus comportamentos sexuais anteriores, a exemplo de minimizar o contato físico com seus parceiros, na tentativa de reduzir sua exposição ao vírus⁽¹¹⁾.

Vários jovens compartilharam a ideia de que ter tempo livre para “apenas pensar” os levava a refletir sobre sua sexualidade e/ou gênero, o que era considerado muito difícil para eles. No entanto, os jovens também identificaram aspectos positivos das oportunidades de pensar sobre sua identidade sem interferências externas⁽⁸⁾.

Sentimentos negativos de solidão devido ao isolamento social são considerados uma das consequências mais graves decorrentes da pandemia da COVID-19, especificamente entre as populações mais susceptíveis, os quais devem ser considerados como uma barreira potencial à adesão às regulamentações entre outras populações vulneráveis⁽¹¹⁾. Cuidar da saúde mental e do bem-estar de jovens LGBTQIA+ é especialmente importante, dado o potencial de danos psicológicos e físicos causados por estresse de minorias sexuais e de gênero, além de estresses já vivenciados historicamente e atualmente exacerbados nesse contexto pandêmico⁽⁵⁾.

Diante desse contexto, percebemos a necessidade da criação de estratégias para apoio psicológico dessa comunidade, através de intervenções baseadas em suas especificidades, seja de forma online, com o uso de aplicativos, ou presencial, uma vez que já sofrem historicamente com suas vidas permeadas por preconceitos, vulnerabilidades e marginalização, o que costuma gerar incalculáveis danos à saúde mental dessa população.

IMPACTOS DA SUSPENSÃO DAS ATIVIDADES ESCOLARES X CONFLITOS DOMICILIARES NO CONTEXTO PANDÊMICO

Desde o início da pandemia da COVID-19, órgãos governamentais em todo o mundo implementaram políticas que impactaram a vida de milhões de estudantes, como o fechamento de escolas, além de outras medidas protetivas, como o distanciamento físico e o isolamento social⁽¹²⁾. Essa condição de distanciamento potencializou o sentimento de solidão e tristeza, exacerbando as vulnerabilidades ao isolamento social e à exclusão⁽¹³⁾. Outro comportamento observado foi o retorno das pessoas das minorias sexuais e de gênero no contexto familiar, situação que intensificou o risco de agressão e violência intrafamiliar e repercutiu em sua saúde física e mental, aumentando os índices de ansiedade, depressão, tentativas de suicídio, automutilação e dependência de substância controlada⁽¹⁴⁾.



Atualmente, a violência contra pessoas LGBTQIA+ ocorre principalmente no ambiente doméstico, sendo praticada no núcleo familiar, cujos membros se tornam agentes intensificadores da vulnerabilidade, ao invés de servirem de rede de apoio social. Dentre as formas mais comuns de violência familiar enfrentada por pessoas LGBTQIA+, podem ser destacadas a violência psicológica, a moral, a física e a patrimonial. Tais práticas visam à coerção por meio de violência para induzir essas pessoas aos padrões heteronormativos⁽¹⁵⁾.

Dessa forma, o distanciamento físico pode resultar em confinamento a ambientes domésticos hostis e sem apoio, além de isolamento de conexões sociais importantes para o desenvolvimento e os recursos baseados na identidade sexual. Aqueles que só poderiam revelar sua identidade de gênero no meio escolar perderam o acesso a amigos e rede de apoio, resultando na ausência de local para expressão de sua identidade sexual⁽⁸⁾.

O acesso vital a apoio social não familiar para adolescentes de minorias sexuais, como grupos de pares de apoio e centros de saúde escolar, foi interrompido de forma abrupta em resposta à pandemia da COVID-19. Além disso, muitos estudantes desses grupos minoritários foram forçados a permanecer em casa com parentes que os rejeitam, ou mesmo são abertamente hostis a eles, por causa de sua identidade. É de fundamental importância reconhecer que as identidades sexuais e de gênero são relevantes e que os adolescentes LGBTQIA+ são mais vulneráveis, sofrendo impactos diferentes do que seus pares cisgêneros e heterossexuais⁽¹²⁾. A recomendação de ficar em casa reduz ainda mais o acesso a recursos de apoio social e comunitário nas escolas, como alianças de gênero e sexualidade, além de organizações estudantis afirmativas, ou seja, todos aqueles que servem como suporte e que protegem os jovens LGBTQIA+ contra a carga de saúde mental devido ao isolamento social e ao trauma psicológico⁽⁵⁾.

Populações vulneráveis (incluindo jovens LGBTQIA+) merecem consideração especial nesse contexto da pandemia da COVID-19. É previsto que as ordens de ficar em casa, associadas ao aumento da instabilidade econômica e às pressões familiares, potencializam os riscos de danos, sendo que, em alguns casos, podem tornar insustentável e perigosa a convivência no local do domicílio. Simultaneamente, as redes de segurança e proteção aos jovens têm menos funcionários disponíveis ou são inacessíveis por causa da crise da COVID-19⁽⁹⁾.

É de suma importância que os profissionais de saúde pública promovam estratégias que fortaleçam a notificação e a identificação de abuso e violência doméstica durante a pandemia da COVID-19, criando, dessa forma, métodos para intervenções que venham a inibir essa violência de forma efetiva⁽⁵⁾.

ESTRATÉGIAS PARA MINIMIZAR AS DESIGUALDADES ENFRENTADAS PELA COMUNIDADE LGBTQIA+

Há muito tempo, é necessário mais empenho para melhorar dados, recursos e políticas públicas sobre a saúde física e mental da comunidade LGBTQIA+. Contudo, o contexto pandêmico tornou essa necessidade mais evidente. Enquanto governos em todo o mundo enfrentam a pandemia da COVID-19, governos locais, pesquisadores, profissionais de saúde pública e professores têm uma oportunidade ímpar de minimizar as desigualdades socioestruturais, defendendo e atendendo às necessidades distintas dessa comunidade⁽¹²⁾.

As consequências socioeconômicas de gênero da COVID-19 terão impactos de longo alcance e duração. Faz-se necessário que esses grupos estejam envolvidos de forma significativa na formulação e execução de políticas e programas, incluindo planos de vigilância para a COVID-19 imediatos. Os programas devem abordar as desigualdades estruturais que as populações deslocadas enfrentam e esforçar-se para ampliar equitativamente as oportunidades de emprego e proteção, incluindo pessoas de gêneros diversos⁽¹⁶⁾.

Com os desafios que a COVID-19 traz para a saúde e segurança de jovens vulneráveis, há uma necessidade imediata de mitigar esses impactos. Os prestadores de serviços de saúde, em particular, têm um papel fundamental a desempenhar, tanto em chamar a atenção para as necessidades de populações especiais afetadas de forma desproporcional pela COVID-19 quanto no estabelecimento de cuidados alternativos⁽⁹⁾.

Agências no âmbito governamental, escolar, acadêmicas e comunitárias que são responsáveis pelas necessidades pandêmicas de saúde mental requerem urgentemente o apoio das partes interessadas da saúde



pública no fornecimento de acesso equitativo a seus recursos entre as populações LGBTQIA+. Caso contrário, esses grupos altamente marginalizados possivelmente não se beneficiarão de serviços de saúde mental⁽⁵⁾.

Aumentar a educação e a conscientização sobre isso será um passo importante no fortalecimento dos sistemas de apoio já existentes. Os jovens nessa condição de vulnerabilidade não podem esperar o fim da pandemia da COVID-19 para ter suas demandas específicas atendidas e suas necessidades de segurança física e emocional satisfeitas. Devemos estar todos prontos para ajudá-los⁽⁹⁾. É preciso oferecer serviços online visando reduzir os impactos na saúde mental oriundos do isolamento social⁽⁵⁾. Nesse cenário, as plataformas online podem ser particularmente úteis para esse grupo no contexto da pandemia, uma vez que são populares entre os jovens⁽⁸⁾. Vale ressaltar que, embora haja incentivo ao uso de recursos digitais, jovens LGBTQIA+ interseccionalmente vulneráveis, como aqueles que vivem em moradias instáveis ou na pobreza, imigrantes com barreiras linguísticas, moradores de áreas rurais ou portadores de deficiências físicas e/ou mentais, podem ser incapazes de se beneficiar desses serviços⁽⁵⁾.

Até que a vacinação e os tratamentos eficazes para a COVID-19 estejam disponíveis, os esforços e as mensagens de saúde pública dependerão das respostas comportamentais para reduzir a transmissão, particularmente em populações vulneráveis. A eficácia dessas medidas está atrelada ao cumprimento das recomendações de saúde pública em nível individual e comunitário⁽²⁾.

É importante ressaltar também que, no desenvolvimento de materiais de comunicação e mensagens para o público em geral durante o surto de doenças, grupos e comunidades afetados e vulneráveis devem ser incluídos na disseminação e no desenvolvimento de mensagens simplificadas e direcionadas⁽⁷⁾. Assim, a inclusão ativa e o engajamento com as pessoas de grupos minoritários sexuais e de gênero, bem como suas experiências, podem nos permitir identificar novos caminhos para entender a normalidade biológica. Esse compromisso fortalecerá nossa capacidade de compreender e apreciar a variação humana, ao invés de patologizar a vida e a biologia das pessoas⁽²⁾.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do contexto da pandemia da COVID-19, a comunidade LGBTQIA+ evidenciou sua vulnerabilidade frente ao contexto político e social. Tal situação vem reafirmando a necessidade de novas políticas públicas de fortalecimento das estratégias de enfrentamento dos preconceitos desse grupo minoritário, a fim de alcançar avanços nos serviços essenciais à sua saúde e fazer valer seus direitos como cidadãos.

Sugere-se que futuros estudos enfoquem o desenvolvimento de intervenções para minimizar a vulnerabilidade dessa população, levando em consideração os aspectos específicos que os permeiam em seu contexto biopsicossocial, além de estratégias interativas que forneçam instruções estruturadas e individualizadas. Assim, efetivamente, será possível apoiar e conferir segurança a uma população que ainda é alvo de acentuada discriminação social.

Compreendendo a dinâmica dos processos envolvidos nesse diálogo, deve-se vislumbrar o reconhecimento dos militantes dos movimentos sociais e integrantes dos próprios grupos, com vistas a aprofundar a incorporação dos conceitos de vulnerabilidade, o que entendemos ser promissor para o enfrentamento da pandemia. Espera-se que esta pesquisa fomente discussões para a criação de protocolos e estratégias que subsidiem políticas públicas voltadas para a especificidade dessa população.

REFERÊNCIAS

1. Organização Mundial da Saúde (OMS). Pandemia de COVID-19, doença causada pelo novo coronavírus [Internet]. 2020[cited 2020 Sep 13]. Available from: <https://www.paho.org/pt/covid19>
2. Gibb JK, DuBois LZ, Williams S, McKerracher L, Juster RP, Fields J. Sexual and gender minority health vulnerabilities during the COVID-19 health crisis. <https://doi.org/10.1002/ajhb.23499>



3. Butler J. *Corpos em aliança e a política das ruas: notas para uma teoria performativa de assembleia*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2015. 266 p.
4. Krause KD. Implications of the COVID-19 Pandemic on LGBTQ Communities. *Rev Gestão Prát Saúde Pública*. 2021;27(1):69-71. <https://doi.org/10.1097/PHH.0000000000001273>
5. Salerno JP, Devadas J, Pease M, Nketia B, Fish JN. Sexual and gender minority stress amid the COVID-19 pandemic: implications for LGBTQ young persons' mental health and well-being. *Public Health Rep*. 2020;35(6):721-7. <https://doi.org/10.1177/0033354920954511>
6. Sousa AFL, Queiroz AAFLN, Lima SVMA, Almeida PD, Oliveira LB, Chone JS, et al. Prática de chemsex entre homens que fazem sexo com homens (HSH) durante período de isolamento social por COVID-19: pesquisa online multicêntrica. *Cad Saúde Pública*. 2020;36(12):e00202420. <https://doi.org/10.1590/0102-311X00202420>
7. Schmidt T, Cloete A, David A, Lehlogonolo M, Nokubonga Z, Monalisa J. Myths misconceptions, othering and stigmatizing responses to Covid-19 in South Africa: a rapid qualitative assessment. *PLoS ONE*. 2020;15(12):0244420. <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0244420>
8. Fish JN, McInroy LB, Pacey MS, Williams ND, Henderson S, Levine DS, et al. "I'm Kinda Stuck at Home With Unsupportive Parents Right Now": LGBTQ Youths' Experiences With COVID-19 and the Importance of Online Support. *J Adolesc Health*. 2020;67(3):450-2. <https://doi.org/10.1016/j.jadohealth.2020.06.002>
9. Cohen R, Bosk EA. Vulnerable Youth and the COVID-19 Pandemic. *Pediatrics*, 2020;146(1). <https://doi.org/10.1542/peds.2020-1306>
10. Ryan C, Huebner D, Diaz RM, Sanchez J. Rejeição da família como um preditor de resultados negativos para a saúde em jovens adultos lésbicas, gays e bissexuais brancos e latinos. *Pediatrics*. 2009;123(1):346-52. <https://doi.org/10.1542/peds.2007-3524>
11. Shilo G, Mor PHDZ. COVID-19 and the changes in the sexual behavior of men who have sex with men: results of an online survey. 2020;17(10):1827-34. <https://doi.org/10.1016/j.jsxm.2020.07.085>
12. Demulder J, Kraus-Perrotta C, Zaidi H. Adolescentes de minorias sexuais e de gênero devem ser priorizados durante a resposta global de saúde pública COVID-19. *Quest Saúde Sex Reprod*, 2020;28(1). <https://doi.org/10.1080/26410397.2020.1804717>
13. Gonzales G, Henning-Smith C. Health disparities by sexual orientation: results and implications from the behavioral risk factor surveillance system. *J Community Health*. 2017;42(6):1163-72. <https://doi.org/10.1007/s10900-017-0366-z>
14. Bockting WO, Miner MH, Swinburne RE, Hamilton A, Coleman E. Stigma, mental health, and resilience in an online sample of the US transgender population. *Am J Public Health*. 2013;103(5). <https://doi.org/10.2105/AJPH.2013.301241>
15. Brito THS, Arruda MS. Uma análise sobre as formas de violência familiar contra pessoas LGBTQIA+ [Internet]. 2020[cited 2020 Sep 13]. Available from: <http://ri.ucsal.br:8080/jspui/handle/prefix/1448>
16. Jacobson L, Regan A, Shirin Heidari S, Onyango MA. Transactional sex in the wake of COVID-19: sexual and reproductive health and rights of the forcibly displaced. 2020. <https://doi.org/10.1080/26410397.2020.1822493>